

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 2, 1983

Páginas 79 - 84

Considerações acerca d'"O Cágado" de Almada Negreiros

Carlos Eduardo Schmidt Capela

"Havia um homem que era muito senhor da sua vontade". É com esta frase que Almada Negreiros dá início ao conto que aqui particularmente interessa: "O Cágado". E é com ela -devidamente raptada- que também principiarei estas minhas considerações.

Com "O Cágado"¹ Almada constrói uma espécie de fábula moderna. E, sendo moderna, esta prescinde da tal famosa "moral-de-história"; mesmo porque toda história -ou fábula- ou tem morais múltiplas ou não as tem: é amoral, imoral, ou a síntese, ai! moral...!

Um homem que, de novo, visto ser "muito senhor da sua vontade" recorre a todos os recursos cabíveis para vê-la -à "vontade"- satisfeita. Avista um cágado passeando à toa pelos arredores da cidade e pensa : Oba!, novidade à frente. E vai feliz retornando à sua ca

Carlos Eduardo Schmidt Capela é aluno de graduação do curso de Letras do IEL - UNICAMP

sa, satisfeito da vida por ter algo de novo para contar, quando assombra-lhe a dúvida: e se não acreditarem em mim?? Com isso temos nas mãos todos os ingredientes para que possamos acompanhar todo o desenvolvimento da dita cuja, a fábula. E o homem -"muito senhor da sua vontade" - volta correndo para buscar o pobre animal. Este último, coitado, não tendo vocação para prova se enfia buraco abaixo.

O senhor, como enfatiza o narrador, sempre exercendo ampla soberania sobre "a sua vontade", em hipótese alguma consentiria ou suportaria que duvidassem dele. E aquilo, antes simples desejo pessoal, vai se agigantando, agigantando, agigantando até tornar-se obsessão.

Já então não se trata apenas de carregar consigo a prova viva. A questão torna-se agora muito mais do que ter aquela conhecida "vontade" satisfeita. Mas o cágado não parece querer colaborar com o pobre personagem. Dentro do buraco desaparece da vista. E o homem tenta capturá-lo com as mãos e o braço, com uma vara -"compridíssima, que nem é habitual em varas haver assim tão compridas"- e nada do bicho e nem mesmo do fim do buraco. Até que o homem, alterando as táticas de combate, tem uma idéia meio perversa. Inundar a casa do bichinho forçando-o assim a sair lá fora. E o homem, munido de um balde enorme, "dos maiores que há", vai, sem descanso, desde um tanque de lavadeiras que havia por ali, baldada e baldada, enchendo de água a terra. Mas noventa e oito percursos, e nada da água chegar à tona.

Nesse momento o homem chega a refletir pensando em deixar de lado o cãgado. Mas a "vontade" é mais forte e comanda. Qualquer mortal comum poderia desistir, mas ele não, um homem, afinal, "muito senhor da sua vontade". E então é esta "vontade" enorme que é posta em prova pelo próprio homem senhor dela.

E ele muda novamente de planos. Encontra uma pã, "das maiores que hã", e resolve na marra ir buscar o cãgado, mesmo que para isso tivesse que destruir a casa do animal.

Uma pazada, duas, e o homem sentido-se plenamente realizado em sua cega obsessão. E não, não se sentia como um simples trabalhador rural destes que inundam o nosso mundo. A tarefa que empreendia era muito dígna, chegava a ser até "uma questão de vida ou de morte", satisfazer "ã vontade". O cãgado, inicialmente o motivo em si, já pouco importava. Era ela, deusa, "a vontade".

Caracterizada a obsessão e os porquês é então que Almada irá tirar maior proveito dela. Perdido na louca tentativa de realizar um desejo -quase vaidade-pessoal, o personagem simplesmente ignora descobertas pelas quais a humanidade sempre lutou. Questão de prioridades. O homem atravessa sem nem ao menos perceber o centro da terra. E nesse processo de auto-flagelação -cavar, cavar, cavar- automatiza-se, os braços acostumam-se ã árdua tarefa e ele pouco a pouco desliga-se dos seus caracteres humanos. A obsessão domina o homem e animaliza-o. Sem que perceba, torna-se uma máquina especializada em

determinada função, um operário altamente taylorizado. Apenas a força muscular conta pontos nesta luta intransigente do personagem. O trabalho cíclico, ritmado, alienante.

A própria família do homem e da sua vontade desiste de esperá-lo. Dá-lo como morto fechando-se num luto carregado. E ele?? Furando, furando e furando até que enfim chega ao final do buraco. E daí?? O buraco termina como todos, na terra, e um detalhe apenas para este buraco em particular: sem o tal do cágado.

Então o homem cai em si. Chegada ao fim a tarefa que a sua obsessão exigia, retorna à realidade. E sente falta da sua cama, dos lençóis e almofadas. Sente falta da civilização. E nervoso, blasfemando contra o cágado e contra a pá, atira-a com força no fundo do buraco. Mas qual, ela escapa-lhe das mãos e simplesmente abre uma abertura na terra. Teria varado o mundo de lado a lado??, é a dúvida que lhe vem à cabeça. Mas a obsessão agora meio enfraquecida, ele sente-se órfão. E resolve pesquisar o outro lado do globo.

Sem maiores surpresas o homem constata ser um país estrangeiro. Um país que não mantém a mínima relação com o seu universo. E o homem definitivamente acossado por saudades resolve fugir daquele país "onde nem sequer se falava com a boca" e de onde "não tinha nada a esperar". E retorna apressado em sentido inverso na esperança de reencontrar logo a sua cidade. Andando, andando, andando; subindo, subindo e subindo o homem até que enfim está de novo de volta à sua superfície. Todavia chegando

lá descobre que movido por aquela louca cegueira havia soterrado a sua cidade sob "o maior monte da Europa" que sem maiores intenções construira ao executar a sua perseguição. E decide desfazer, da mesma maneira que havia feito, às pazadas, o tal do monte da sua "vontade".

Pazada a pazada vai restituindo ao buraco toda a terra que tirara, até que chega à última porção. O derradeiro torrão de terra que no entanto o homem nota que por si só está a se mover. Estranhando o homem quer ver porque isso, "era o cágado".

E é ou não é uma fábula, eu pergunto. Vontade, muita vontade, obsessão. Um capricho movendo um ser numa perseguição aloucada, irrefletida. Animalização fazendo o importante tornar-se des; ação desprezando anti-fisicamente os efeitos.

Com leves, porém profundos, toques de humor, um conto onde todos os instrumentos e efeitos são ciclópicos caracterizando por tabela um personagem de moral ídem. Um ir e vir inútil alimentado por apenas um capricho pessoal - não admitir que duvidem, querer impor a palavra- cujo objetivo, antes a um palmo do nariz, não é atingido. E mais: se comparado ao capricho, sempre crescente até virar obsessão, tal objetivo passa a não importar. A questão vai tornando-se, cada vez mais, ver realizados os projetos desejados. Qualquer desvio em relação a eles nem deve ser considerado. Como um cientista louco dos velhos filmes de ficção o personagem despreza todos os dados que arbitrariamente e sem maiores reflexões julga desimportan

tes. E chega até mesmo a deixar de lado "todas as noções pelas quais um homem constata o cotidiano".

De uma certa forma o homem, antes sujeito, "muito senhor da sua vontade", passa a objeto dela, da vontade, tornada então muito senhora do seu homem.

Agora quanto às morais, entre as tantas e a nenhuma, quem quiser que escolha a(s) sua(s).

Qualquer um deve ter notado que estas considerações se iniciam flagrantemente pela primeira frase desde conto tema de Alamada Negreiros. E porque, se naquele primeiro parágrafo ela não tem fundamentação alguma para o desenvolver deste trabalho (e sempre que necessária será novamente explicitada). Pois bem, o motivo é bastante simples. É que acho que há um pequeno problema com a tal frase: discordo dela. Não que eu discorde por considerá-la mal escrita ou absurda. Nada disso. O problema com ela é simplesmente de ordem numérica. Para mim não havia um, apenas um, mas sim dois, "dois homens que eram muito senhores das suas vontades". Dois, personagem e autor.

O primeiro deixando-se levar por ela transmudada em obsessão.

O segundo, o próprio Almada, trazendo a sua tão forte quanto mas moldando-a num plano intelectual e cultural e fazendo dela uma incessante atividade nos mais diferentes campos artísticos. Ele, Almada, também "um homem muito senhor da sua vontade".

NEGREIROS, José de Almada - "O Cágado". Contos e Novelas. Lisboa, Ed. Estampa, 1970, pp. 109-116.